

Leituras.

Empregamos o verbo "ler" como se significasse apenas o gesto de decifrar textos. A etimologia sugere que seu significado e mais amplo. O verbo latino "legere", (raiz do "ler" portugues), o grego "legein" e o alemao "lesen" significam, todos, o gesto de picar graos, como galinhas o executam. O que, por certo, impoe a questao do criterio que rege tal escolha de graos amontoados. A lingua inglesa responde: "to read" significa adivinhar, ter palpite, (compare com "riddle"=charada). De modo que "ler" significa escolha aleatoria de elementos, tirados um por um do seu contexto, e elementos do tipo "letra" ou "cifra" nao passam de casos especificos do ato generico de leitura. O que e confirmado pelos derivados do verbo "ler", como sejam "eleicao", "elite", "elegancia", ou "intelecto".

Tudo que e granulado e legivel. A inteligencia e galinacea, pica tudo. Os nossos antepassados hominideos picavam as pulgas da pele dos seus proximos, e ha tase segundo ^{a qual} o amor do proximo nasceu de tal leitura. Enquanto inteligencias, (seres leitores), somos moradores de mundo granulado, legivel. Nem tudo e granulado. Isto e sinistramente incomodo, e nao pode ser tolerado. E preciso picar tais casos sinistros, reduzi-los a graos, a racoes picaveis, para torna-los legiveis e inteligiveis. Tarefa a qual se dedica a ciencia, ao transformar a natureza em texto, "natura libellum". A inteligencia e bico que primeiro ataca com sua ponta afiada os fenomenos sinistros para reduzi-los a graos, e depois engole, grao por grao, o fenomeno explicado. Os nossos pais e avos admiravam o bico por sua capacidade engolidora, "conhedora". Quanto a nos, os herdeiros de Wittgenstein e de Auschwitz, tendemos mais a temer a ponta do bico, tal ponta "calculadora".

Somos inteligencias galinaceas, mas o nosso metodo de leitura nao e o das galinhas. As galinhas sabem distinguir entre graos de milho e graos de areia, e lem apenas milho. Quanto a nos, lemos tudo. E para galinhas ha criterio de leitura: "comestivel-incomestivel". Galinhas tem fe em valores eternos. Quanto a nos: interpretamos, (de "pretium"=preco). Apreciamos graos de milho positivamente no contexto da digestao, e apreciamos graos de areia positivamente no contexto da praia. Lemos "segundo o caso". Nao temos fe em valores: duvidamos. Isto faz com que nossa inteligencia seja mais voraz que a das galinhas: tudo que e grao e legivel, e deve ser picado.

Tudo e interpretavel de varias formas. Mas para podermos interpretar, devemos dispor de precos a serem conferidos aos graos a serem lidos. As galinhas nao tem este problema: os graos ja vem munidos de etiquetas. Os valores sao "dados". Os nossos graos nos advem "isentos de valores". E depois somos nos que colamos a etiqueta "bom para comer" sobre graos de milho, e "bom para tomar banho" sobre graos de areia. Como e que decidimos que assim seja? Como e que escrevemos tais etiquetas? A resposta atualmente sugerida e esta: convenciamos os valores. "Codificamos". Resposta sugerida pelos ditos criticos da cultura. E resposta pouco satisfatoria, esta. Porque para podermos convencionar que determinado grao e "bom", devemos primeiro convencionar o significado de "bom", coisa dificil. Exige "meta-fe" com relacao a fe das galinhas. E tal "meta-fe" e dificilmente picavel, interpretavel, legivel.

Eis a situacao atual da leitura; estamos todos perfeitamente capacitados a deciframos os textos da cultura. Gracias a escola publica obrigatoria, e gracias aos progressos gerais da inteligencia todos os codigos culturais se tornaram acessiveis para todos. Mas as cifras que estamos decifrando como tanta facilidade nao nos permitem mais leituras extra-culturais: nada significam. Sao elas etiquetas vazias, nao estao coladas sobre graos, nada descrevem. A natureza deixou de ser texto, e passa a ser conjunto absurdamente insignificante, ilegivel e ininterpretavel. E o fundo do qual surgiram todos os convenios codificadores continua encoberto pelo misterio indecifrável que caracteriza tudo o que nao e picavel em racoes, que nao e "racionalizavel".

O termo "cifra", e seu companheiro, "zero", provem do arabe "sifr", que significa "vazio". Designavam ambos originalmente o signo "0" introduzido no Ocidente pelos arabes invasores. Mais tarde, "cifra" designava todos signo que significa "classe". Assim "1" e cifra que significa todas as classes com um unico memebro, e "2" significa todas as classes de pares. Mas, embora tal o significado de "cifra" se tenha amplificado, e nao mais designe apenas "zero", continua significando casca vazia. "2" e casca a ser enchida por pares, e sera "cifra vazia" se nao for enchida. Impossivel nao pensarmos em arquetipos jungianos, que sao, eles tambem, cascas vazias a espera de serem enchidas por fenomenos adaptaveis. Um sistema de cifras e chamado "codigo", termo que deriva do latino "caudex", significando "taboa de madeira". Isto e: tabua coberta de cifras, texto. O termo arabe "sifr" e parente do hebraico "sefer", que significa livro. De modo que os textos que somos perfeitamente capacitados a decifrar sao conjuntos de cascas vazias ordenadas por codigos para captarem fenomenos adaptaveis. Nao apenas quando se trata de textos compostos de cifras matematicas, mas tambem quando se trata de letras. A letra "a" pode ser considerada cifra enquanto signo de classe de todos os sons falados apropriados. Ler textos significa pois pegar em cascas vazias, uma por uma e segundo as regras de determinado codigo, e procurar encher tais cascas com fenomenos apropriados. E este o gesto do intelecto. A nossa tragedia atual e que tudo que conseguimos pescar com as cascas vazias das cifras se revela ser, por sua vez, cifra. Nao conseguimos mais captar fenomenos concretos. Em ultima analise, (logica e semantica), todas as nossas cifras, e em consequencia todos os nossos textos legiveis, sao ultimamente vazios.

Para podermos ler, devemos conhecer o codigo que ordena as cifras. Por exemplo o do alfabeto. Pois codigos tem "chaves", isto e instrumentos que "abrem" o acesso as regras. Tais chaves podem estar inscritas no proprio texto a ser decifrado, (chave de violino), ou podem preceder o texto, (abecedario). Ha textos que escondem as suas chaves, (codigos secretos), e outros para os quais a chave se perdeu, (alguns textos antigos). Em tais casos a chave precisa ser reconstituída antes da leitura. Leitores sao gente munida de chaves, formam conclaves. A nossa cultura e conclave cujas chaves abrem caixas-fortes vazias. Caixas-fortes que foram violentadas por ladroes que quebraram as fechaduras, como no caso dos tumulos faraonicos. Por certo: por entre os textos que perfazem nossa cultura podem ser encontrados alguns Tut-ench-Amons, mas tal procura nao mais vale a pena.

Temos coisa melhor a fazer que remexer as rochas deserticas e infecundas dos textos em procura de tesouros. Podemos, em vez disto, contemplar imagens. A leitura de textos esta se revelando atualmente desperdicio de tempo. As imagens tecnicas estao se revelando mais efficientes que as cifras matematicas, e as fitas sonoras, (inclusive as imagens faladoras), mais efficientes que o codigo do alfabeto. A nossa capacidade generalizada para lermos textos, (dediframos cifras vazias), esta se revelando perfeitamente redundante. Podemos, calmamente, voltar a sermos iletrados.

.....

Uma pergunta, no entanto. Com que finalidade foram convencionadas as chaves que permitem acesso ao deciframento? Com a finalidade comum a todas as chaves: permitir acesso apenas para escolhidos, (eleitos, de "ex-legere"= ler para fora). Todo texto se quer cercado de misterio, (codigo), penetravel apenas para iniciados. O escritor, ao ter se submetido as regras estritas do convenio, (do convento), quer que o leitor se submeta a mesma "ordem". A leitura e apaixonante, porque submetida a paixao, (a paciencia), da obediencia a ordens quase-monasticas do convenio entre o escritor e ela mesma. Ler, (decifrar), e penetrar o segredo das cifras. E a cultura enquanto conjunto de cifras e misterio compartilhado entre escritores e leitores, misterio este sem fundo, ja que nao e possivel interpretar e criticar, (ler), a origem trans-cultural dos codigos ordenadores.

Pois o misterio que cerca todo texto evaporou-se. Fomos todos unidos das chaves que o abrem, e o fomos obrigatoriamente na idade imatura de seis anos. A escola publica obrigatoria esvaziou o segredo, (e com ele a sacralidade), dos textos. A inflacao e desvalorizacao dos textos e consequencia e prova disto. De apaixonante a leitura tornou-se banal e corriqueira. De forma que os codigos que ordenam escrita e leitura, (sobretudo o codigo alfabetico e matematico), se revelam atualmente nao apenas pouco efficientes, (se comparados com os codigos dos computadores que sintetizam sons e imagens), mas igualmente pouco interessantes. Podem ser abandonados.

.....

A inteligencia das galinhas faz com que estas lem graos de milho. A inteligencia humana fez com que o mundo inteiro, (externo e interno), tenha sido picado em graos do tipo quantum, gene, actoma e bit, graos estes ilegíveis. E fez com que tenham sido convencionadas cifras legíveis, originalmente destinadas a captarem os graos ilegíveis, mas atualmente vazias. Confrontada com tal crise, a inteligencia bolo maquinas, (inteligencias artificiais), aptas a lerem, (computarem), os graos ilegíveis. A inteligencia humana alcançou destarte um ponto tao alto que pode abdicar doravante em favor de maquinas que a simulam e ultrapassam. As leituras humanas sao doravante inoperativas, e estao sendo substituidas por leitoras mecanicamente automatizadas.

Inteligencia e a capacidade de ler entre graos, ("inter-legere"=ler por entre). Tal capacidade e fundada sobre a fe que eleger graos implica eleger valores. Tal fe nao mais se justifica. Nao somos galinhas.